



Évora, Eborá, Liberalitas Julia...

Sérgio Infante

8-Nov-2012

Eborá é o nome pelo qual era conhecida na época romana a atual cidade de Évora, no Alentejo. A origem etimológica do nome Eborá é proveniente do celta antigo eborá/eburá, genitivo plural do vocábulo eburós, que em português significa "dos teixos".

O teixo, ainda que muito esquecido, é espécie endémica no nosso território e era do agrado dos romanos. É uma árvore de folha persistente, tolerante a fortes variações de ambiente térmico, e associada ao culto dos mortos, devido à sua extraordinária longevidade, as suas folhas, sempre verdes, eram tomadas como símbolo de imortalidade. Como curiosidade registre-se que a atual cidade de Iorque (York), no Norte de Inglaterra, na época do Império Romano, era denominada Eboracum/Eburacum, nome também derivado do celta antigo Eborá Kon (Lugar dos Teixos), pelo que o seu nome antigo está etimologicamente relacionado com o da cidade de Évora.

Por ter-se mantido fiel a Júlio César nas guerras civis, recebeu como recompensa o título honorífico de Liberalitas Iulia.

Núcleo urbano importante durante as ocupações romana e árabe, Évora foi, durante o reinado de D. João II, a segunda cidade do país, logo a seguir a Lisboa, atingindo o seu apogeu no século XVI, época de que datam alguns dos seus principais monumentos.

A cidade vai depois perdendo importância política e administrativa. Essa descontinuidade de desenvolvimento urbano, poupou-a a alterações substanciais do tecido urbano e levou a que se mantivesse quase intacta quer a sua estrutura medieval e renascentista, quer grande parte das edificações desses períodos.

A instituição da Universidade em meados do século XVI introduziu uma dimensão cultural na cidade que se traduziu numa produção científica e artística relevante, que também se foi posteriormente perdendo, felizmente agora reatada com o ressurgimento da Universidade.

Património da Humanidade

Mas para além do valor individual de certos edifícios, foi o conjunto da cidade, pelas características das suas ruas, dos seus quarteirões, constituídos por edifícios modestos mas que mantém uma escala humana no seu conjunto, da sua silhueta que se destaca na planície alentejana, preservada de construções aberrantes em altura, e ainda coroada simbolicamente pela catedral, que levou a sua inclusão, pela UNESCO, na Lista do Património Cultural da Humanidade, em 1986.

Um esforço significativo na degradação física e social da cidade vinha sendo já feito a nível autárquico, mas a classificação deu alento significativo para a continuidade de políticas de reabilitação, e um aumento significativo de fluxos turísticos.

Contudo, baseado em responsáveis autárquicos e sob o ponto de vista demográfico, apesar de Évora, globalmente, ter contrariado a tendência de perda de população que é comum ao Alentejo e ao interior do país, o centro histórico já só tem cerca de 5600 habitantes, maioritariamente idosos e bipolarizados em termos de classes sociais, já que a classe média rumou para a periferia da cidade.

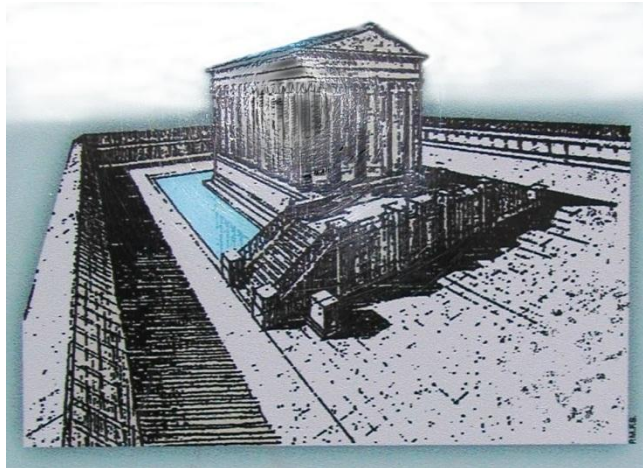
Com cerca de 100 hectares, o centro histórico, na década de 60 do século passado, tinha o parque habitacional degradado, com cerca de 2000 fogos em mau estado (45 % do total), com uma renda média de 598\$50, elevada população idosa de fracos recursos, 17,6 % de pessoas com mais de 65 anos. Existia um número significativo de edifícios residenciais sub-aproveitados e a constatação da degradação por falta de capacidade financeira, tanto de inquilinos como de senhorios, para procederem à sua conservação. Estas afirmações expressas no plano diretor do concelho de 1980, e apesar de algumas inequívocas, mas algo epidérmicas, ações de recuperação arquitetónica e urbanística, continuam infelizmente atuais. Quem de direito que tire as suas conclusões.

O ex-libris ...



Apelidado correntemente de templo de Diana, por uma designação mais romântica do que científica, o mais importante testemunho da Eborá romana é o templo dedicado, mais credivelmente, ao culto imperial na época de Augusto. Localizava-se no

antigo fórum, a principal praça pública romana. Sobre um pódio retangular, com soco e cimalha de cantaria de granito, erguem-se ainda algumas das colunas coríntias, com bases e capitéis de mármore de Estremoz e fustes de granito, que constituíam o peristilo. A preservação do templo, e particularmente das colunas, deve-se ao facto de terem sido incorporadas em paredes que fechavam um espaço convertido ao longo do tempo para funções mais pragmáticas, servindo nomeadamente de açougue na época medieval, e que só foram desobstruídas na época contemporânea.



Reconstituição do templo na época imperial. Escavações arqueológicas no local mostraram que o templo era parcialmente circundado por um espelho de água.

... e uma jóia arquitetónica.



Junto à localidade de Valverde, a uma dezena de quilómetros a sudoeste de Évora, a diocese eborense, ou Mitra de Évora, instituiu no início do séc. XVI, uma quinta com paço episcopal e convento de frades capuchos, da invocação do Bom Jesus. Designado ao longo dos tempos de várias maneiras, entre elas Antigo Convento do Bom Jesus da Ordem dos Capuchos, Mitra de Valverde, Colégio da Mitra e hoje em dia até como Polo da Mitra da Universidade de Évora.

Após a extinção das Ordens Religiosas, em meados do século XIX, aqui foi instalado um Posto Agrário e a Escola Prática de Agricultura, mais tarde Escola de Regentes Agrícolas, constituindo atualmente o Polo da Mitra da Universidade de Évora, que integra alguns bons edifícios de arquitetura modernista, com risco do arquiteto Manuel Tainha. E onde funcionam departamentos de Ciências Agrárias e Biologia e serviços de apoio, incluindo uma herdade experimental.

Mas de superior interesse arquitetónico será o convento de dimensão quase doméstica, com o seu pequeno claustro, de escala intimista, mas principalmente a capela do convento. Tem planta em cruz grega, com o corpo central, octogonal e quatro capelas radiantes, igualmente de planta oitavada. As colunas toscanas, em mármore de Estremoz, sustentam as cúpulas esféricas sendo a central erguida sobre um tambor muito elevado, rasgado por oito janelas redondas.

É um pequeno espaço de pura arquitetura renascentista, despojado de decoração supérflua mas de grande erudição no traçado, que demonstra inequivocamente que a qualidade da arquitetura não tem a ver com o desmesurado.



FIM

Ebora é o nome pelo qual era conhecida na época romana a atual cidade de Évora, no Alentejo. A origem etimológica do nome Ebora é proveniente do celta antigo ebora/ebura, genitivo plural do vocábulo eburos, que em português significa "dos teixos".

O teixo, ainda que muito esquecido, é espécie endémica no nosso território e era do agrado dos romanos. É uma árvore de folha persistente, tolerante a fortes variações de ambiente térmico, e associada ao culto dos mortos, devido à sua extraordinária longevidade, as suas folhas, sempre verdes, eram tomadas como símbolo de imortalidade. Como curiosidade registre-se que a atual cidade de Iorque (York), no Norte de Inglaterra, na época do Império Romano, era denominada Eboracum/Eburacum, nome também derivado do celta antigo Ebora Kon (Lugar dos Teixos), pelo que o seu nome antigo está etimologicamente relacionado com o da cidade de Évora.

Por ter se mantido fiel a Júlio César nas guerras civis, recebeu como recompensa o título honorífico de Liberalitas Iulia.

Núcleo urbano importante durante as ocupações romana e árabe, Évora foi, durante o reinado de D. João II, a segunda cidade do país, logo a seguir a Lisboa, atingindo o seu apogeu no século XVI, época de que datam alguns dos seus principais monumentos.

A cidade vai depois perdendo importância política e administrativa. Essa descontinuidade de desenvolvimento urbano, poupou-a a alterações substanciais do tecido urbano e levou a que se mantivesse quase intacta quer a sua estrutura medieval e renascentista, quer grande parte das edificações desses períodos.

A instituição da Universidade em meados do século XVI introduziu uma dimensão cultural na cidade que se traduziu numa produção científica e artística relevante, que também se foi posteriormente perdendo, felizmente agora reatada com o ressurgimento da Universidade.

Património da humanidade

Mas para além do valor individual de certos edifícios, foi o conjunto da cidade, pelas características das suas ruas, dos seus quarteirões, constituídos por edifícios modestos mas que mantém uma escala humana no seu conjunto, da sua silhueta que se destaca na planície alentejana, preservada de construções aberrantes em altura, e ainda coroada simbolicamente pela catedral, que levou a sua inclusão, pela UNESCO, na Lista do Património Cultural da Humanidade, em 1986.

Um esforço significativo na degradação física e social da cidade vinha sendo já feito a nível autárquico, mas a classificação deu alento significativo para a continuidade de políticas de reabilitação, e um aumento significativo de fluxos turísticos.

Contudo, baseado em responsáveis autárquicos e sob o ponto de vista demográfico, apesar de Évora, globalmente, ter contrariado a tendência de perda de população que é comum ao Alentejo e ao interior do país, o centro histórico já só tem cerca de 5600 habitantes, maioritariamente idosos e bipolarizados em termos de classes sociais, já que a classe média rumou para a periferia da cidade.

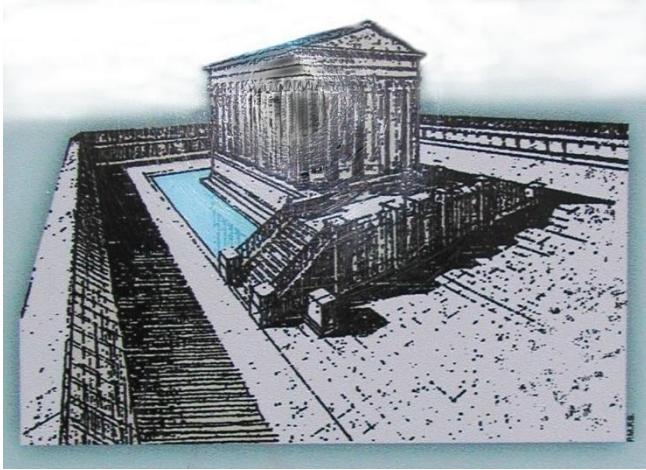
Com cerca de 100 hectares, o centro histórico, na década de 60 do século passado, tinha o parque habitacional degradado, com cerca de 2000 fogos em mau estado (45 % do total), com uma renda média de 598\$50, , elevada população idosa de

fracos recursos, 17,6 % de pessoas com mais de 65 anos. Existia um número significativo de edifícios residenciais sub aproveitados e a constatação da degradação por falta de capacidade financeira, tanto de inquilinos como de senhorios, para procederem à sua conservação. Estas afirmações expressas no plano diretor do concelho de 1980, e apesar de algumas inequívocas, mas algo epidérmicas, ações de recuperação arquitectónica e urbanística, continuam infelizmente atuais. Quem de direito que tire as suas conclusões.

O ex-libris ...



Apelidado correntemente de templo de Diana, por uma designação mais romântica do que científica, o mais importante testemunho da Eborá romana é o templo dedicado, mais credivelmente, ao culto imperial na época de Augusto. Localizava-se no antigo fórum, a principal praça pública romana. Sobre um pódio rectangular, com soco e cimalha de cantaria de granito, erguem-se ainda algumas das colunas coríntias, com bases e capitéis de mármore de Estremoz e fustes de granito, que constituíam o peristilo. A preservação do templo, e particularmente das colunas, deve-se ao facto de terem sido incorporadas em paredes que fechavam um espaço convertido ao longo do tempo para funções mais pragmáticas, servindo nomeadamente de açougue na época medieval, e que só foram desobstruídas na época contemporânea.



Reconstituição do templo na época imperial. Escavações arqueológicas no local mostraram que o templo era parcialmente circundado por um espelho de água.

... e uma jóia arquitetónica.



Junto à localidade de Valverde, a uma dezena de quilómetros a sudoeste de Évora, a diocese eborense, ou Mitra de Évora, instituiu no início do séc. XVI, uma quinta com paço episcopal e convento de frades capuchos, da invocação do Bom Jesus. Designado ao longo dos tempos de várias maneiras, entre elas Antigo Convento do Bom Jesus da Ordem dos Capuchos, Mitra de Valverde, Colégio da Mitra e hoje em dia até como Polo da Mitra da Universidade de Évora.

Após a extinção das Ordens Religiosas, em meados do século XIX, aqui foi instalado um Posto Agrário e a Escola Prática de Agricultura, mais tarde Escola de Regentes Agrícolas., constituindo atualmente o Polo da Mitra da Universidade de Évora, que integra alguns bons edifícios de arquitetura modernista, com risco do arquiteto Manuel Tainha. E onde funcionam departamentos de Ciências Agrárias e Biologia e serviços de apoio, incluindo uma herdade experimental.

Mas de superior interesse arquitectónico será o convento de dimensão quase doméstica, com o seu pequeno claustro, de escala intimista, mas principalmente a

capela do convento. Tem planta em cruz grega, com o corpo central, octogonal e quatro capelas radiantes, igualmente de planta oitavada. As colunas toscanas, em mármore de Estremoz, sustentam as cúpulas esféricas sendo a central erguida sobre um tambor muito elevado, rasgado por oito janelas redondas.

É um pequeno espaço de pura arquitetura renascentista, despojado de decoração supérflua mas de grande erudição no traçado, que demonstra inequivocamente que a qualidade da arquitetura não tem a ver com o desmesurado.



FIM